

O Brasil, a Índia e a Civilização do Futuro

A Prática da Ajuda Mútua em Escala Planetária

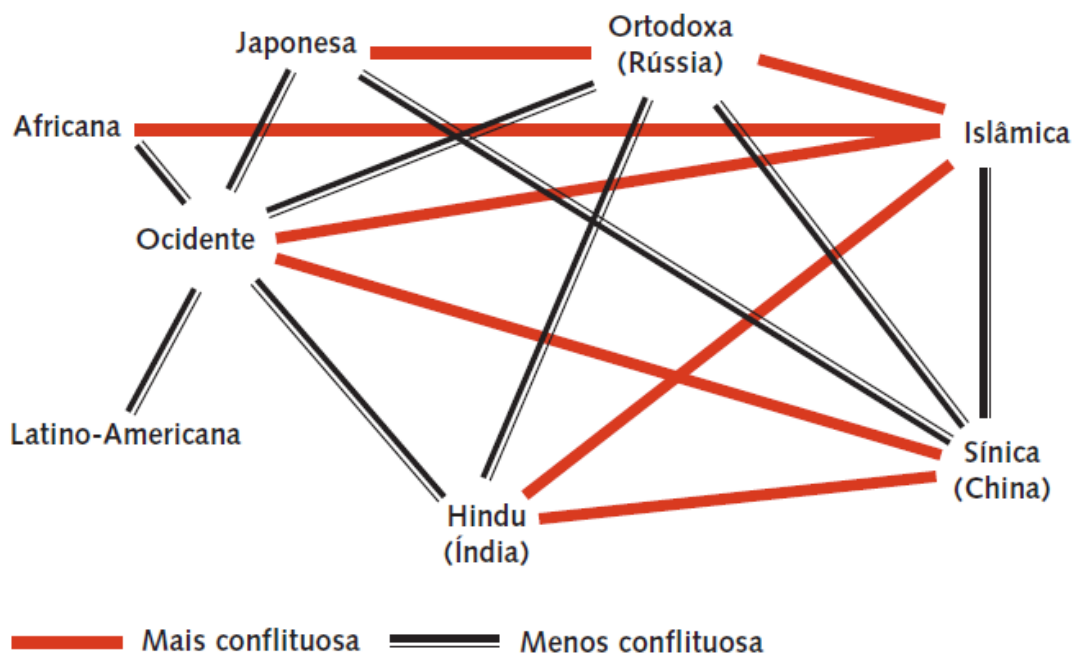
Maurício Andrés Ribeiro

**“Estamos na luta para florescer
amanhã como uma nova civilização,
mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma.”**

(Darcy Ribeiro)

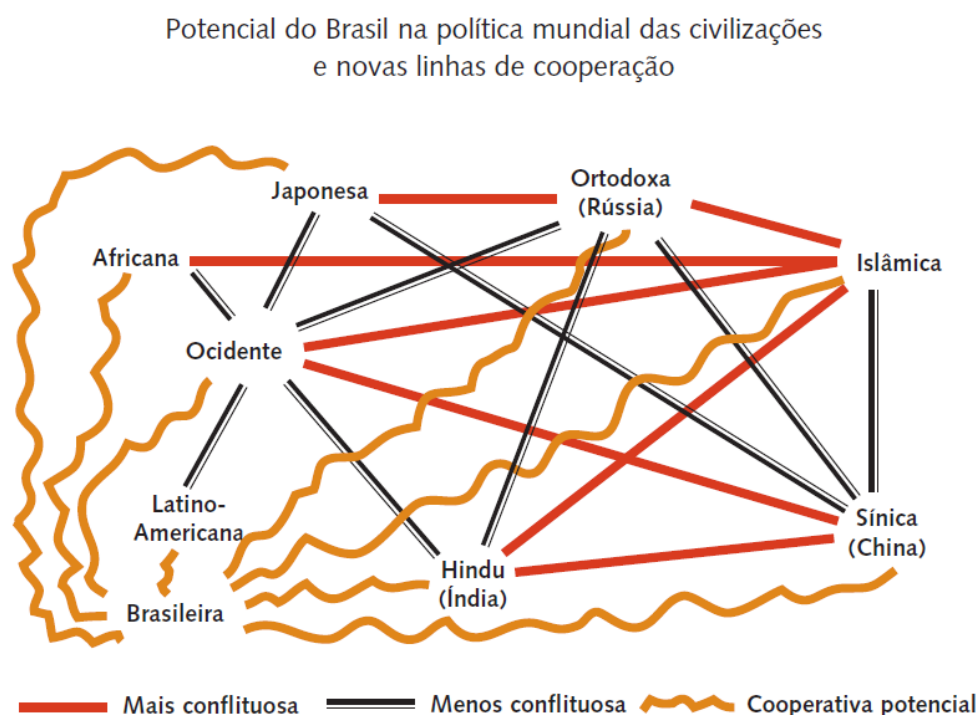
Para o cientista político norte-americano Samuel Huntington, o futuro será moldado pelas interações entre as principais civilizações: ocidental, confuciana (China), japonesa, islâmica, hindu (Índia), eslavo-ortodoxa (Rússia), latino-americana e africana. As relações bilaterais entre elas são mais conflituosas ou menos conflituosas, conforme mostra a figura. [1] Em sua visão, a civilização latino-americana relaciona-se fortemente apenas com a ocidental do Atlântico norte (América do Norte e Europa) e não tem vínculo significativo com as demais. O Brasil seria, nessa percepção, parte da civilização latino-americana.

Política mundial das civilizações: alinhamentos emergentes



Na figura 2 incluímos a civilização brasileira que, por suas peculiaridades e identidade própria, pode ser vista como um mundo diferenciado na América Latina e pode ser considerada como uma das civilizações mundiais ainda virtual, potencial e em florescimento.

A civilização brasileira não tem relações conflituosas com nenhuma das demais. Cadinho cultural, com forte miscigenação, o Brasil tem um lugar no mundo que lhe dá a liberdade e o potencial de relacionar-se positiva e cooperativamente com qualquer uma das demais civilizações.



O Brasil dispõe de recursos naturais renováveis, grandes espaços, tolerância à diversidade, tolerância étnica, disposição para uma cultura holística voltada para a paz, ausência de conflitos violentos com os vizinhos. Essas qualidades podem ser valiosas não só na criação de uma civilização tropical diferenciada na América Latina, mas também na construção dessa nova civilização para o Terceiro Milênio.

No contexto dos relacionamentos entre diversas matrizes de civilização, qual será o papel da civilização brasileira em formação?

Há múltiplas possibilidades de cooperação entre ela e as demais. Várias formas de relações ocorrem na atualidade. Assim, por exemplo, o MERCOSUL é uma das formas de articulação e integração com os países da América latina. Para além das migrações ocorridas desde o final do século XIX, as relações comerciais com a Ásia (China, Japão, Coréia etc) têm-se intensificado. Além dos vínculos históricos, a cooperação e ajuda aos povos africanos também tem-se fortalecido nos últimos anos. Nos fóruns multilaterais, o Brasil tem assumido papéis como mediador de conflitos e promotor de convergências, especialmente nos temas de interesse global, como o das mudanças climáticas.

Culturas indígenas sustentáveis e referências externas de sociedades milenares podem ser fontes de valores, informações, conhecimento e sabedoria essenciais para criar uma base sólida para a civilização ecológica e socialmente sustentável do futuro que poderia substituir o atual modelo, insustentável. Nesse contexto, pode ser relevante um relacionamento mais intenso com a civilização hindu (e também com as demais matrizes culturais que compõem a Índia atual). As culturas indiana e brasileira podem reforçar-se mutuamente. Da cultura indiana, que soube absorver em sua civilização milenar o impacto da colonização européia e de outras invasões, o Brasil pode absorver ensinamentos e sabedoria.

Da cultura brasileira, a Índia pode absorver a vitalidade de uma nação jovem. Ambos, Brasil e Índia, têm grande capacidade de receber influências e metabolizá-las incorporando-as à cultura própria. (No Brasil, essa capacidade foi denominada antropofágica pelos modernistas; na Índia, há grande capacidade de influenciar as culturas colonizadoras, devido à profundidade dos conhecimentos ali produzidos).

O planeta Terra está na periferia da Via Láctea; no planeta, Brasil e Índia encontram-se, ainda, na periferia do sistema político e econômico, tendendo a uma posição de maior centralidade. Estamos, portanto, em periferia da periferia, o que traz a necessidade de investimento em infra-estrutura de transporte e comunicação, como força centrípeta capaz de conectar essas periferias. É necessário fortalecer essa conexão entre os dois maiores países tropicais do mundo. Será proveitoso deflagrar um esforço consciente para entender os pressupostos daquela civilização e explicitar os nossos.

Indianizar o Brasil e Abrasileirar a Índia.

Tudo o que eleva converge.
(Pierre Teilhard de Chardin)

Um maior intercâmbio entre a Índia e o Brasil, os dois maiores países tropicais do mundo, pode trazer mútuos benefícios, especialmente para o Brasil em busca de sustentabilidade, pois poderá se beneficiar dos conhecimentos e sabedoria produzidos e transmitidos ao longo de milênios naquela antiga civilização.

No Brasil, ainda hoje é dominante a influência da tradição ocidental judaico-cristã e greco-romana. O incremento das relações com a Índia promoveria um distanciamento crítico no que se refere à matriz ocidental que subjugou os índios e as sociedades pré-colombianas e contrabalançaria a força de nossas relações preponderantes com a Europa e a América do Norte.

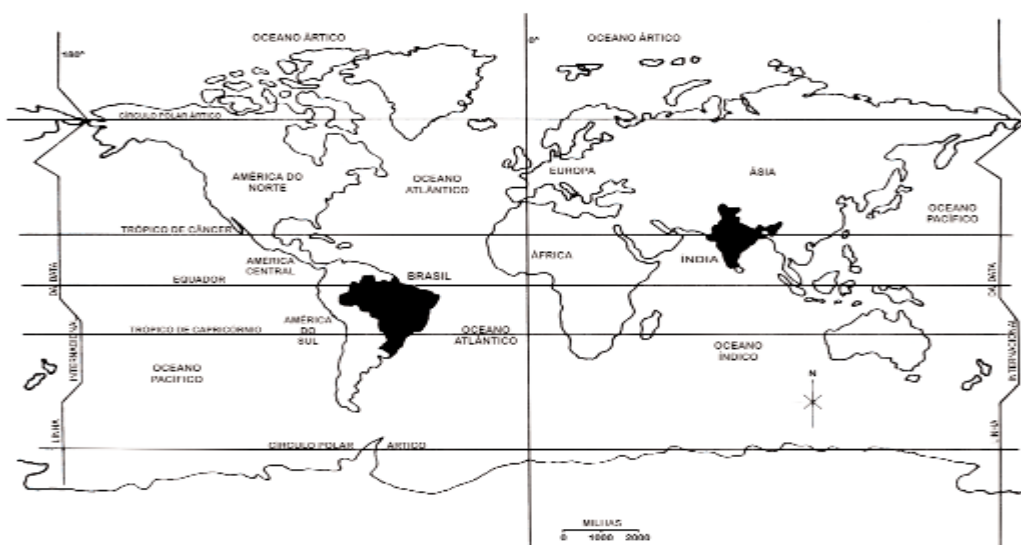


Figura 3- Brasil e Índia no Mundo

Entre os valores e qualidades da civilização indiana que seriam salutares para ecologizar a civilização brasileira destacam-se os seguintes:

1. A Índia desenvolveu **tolerância a diferenças**, ao acomodar em seu território, durante milênios, imigrantes e descendentes de arianos e drávidas, maometanos e gregos, europeus de Portugal, França, Inglaterra. Ela absorveu, recebeu, metabolizou influências das inúmeras invasões que sofreu ao longo de sua história e as devolveu transformadas ao mundo. Há unidade de princípios dentro da diversidade étnica, em um país de alta densidade populacional. A Índia tem grande diversidade de línguas, culturas, costumes e apresenta extremas desigualdades sociais e econômicas. Talvez seja, no mundo, o país mais diverso e a sociedade em que se experimentam mais explicitamente os extremos das grandezas e misérias da condição humana. Comportamentos individuais radicais, que seriam considerados loucura em outras partes, ali são socialmente tolerados, como sinais da busca de ligação com o sagrado. Os *sadhus*, que circulam nus pelas ruas, os faquires, que mortificam o corpo de forma radical, os *sannyasins*, que renunciam aos confortos materiais, são exemplos da diversidade de caminhos e escolhas pessoais socialmente aceitos e valorizados. A sociedade nutre os que abandonaram o mundo material para se dedicar a essa busca.

2. A Índia forjou e aplicou o princípio da **não-violência** (ahimsa). Presente nos Vedas, antigos textos sagrados, tal princípio foi atualizado pelo budismo e aplicado às relações com a natureza. A aplicação desse mesmo princípio e o princípio das **experiências com a verdade** (**satyagraha**) serviu para que *Mahatma* Gandhi tivesse sucesso na luta pela independência. A sociedade brasileira precisa praticar esse princípio unificador para reduzir a iniquidade e a violência que imperam no cotidiano, perpetrada especialmente contra outras espécies da natureza e contra os mais fracos, as crianças, os índios, os pobres, os doentes e os idosos.

3. A Índia independente tem conseguido aos poucos **reduzir as desigualdades** entre pobres e ricos, o que amplia as perspectivas de ascensão social dos cidadãos e contribui para a redução da violência. No Brasil, a grande mobilidade social e os intensos fluxos migratórios levam a uma rápida mudança de posições dos indivíduos na sociedade.

4. **Princípios budistas e gandhianos, ambos concebidos e aplicados naquela cultura,** podem ser chaves conceituais para o desenvolvimento sustentável e ecologicamente prudente. A noção de fideicomisso (*trusteeship* em inglês), por exemplo, considera os proprietários como guardiões ou zeladores de patrimônio coletivo. Sua riqueza tem um fim social de interesse coletivo, não se prestando apenas à auto-satisfação. A simplicidade no estilo de vida e o não-consumismo são pilares da economia ecológica de tradição budista. A tradição hindu sacralizou bichos e os tratou como deuses (o elefante Ganesh, o macaco Hanuman, entre outros), e mesmo plantas.

5. A Índia acumula um tesouro de saberes úteis para um mundo em busca de sustentabilidade e que necessita ecologizar-se. O **Dharma** é um deles. Na Índia, levou-se a extremos de sofisticação a relação não violenta com a natureza. Aquele país acumulou, durante milênios, amplo conhecimento de como lidar com a sustentabilidade, conceito que se encontra na raiz da palavra **dharma**, que tem múltiplos significados. Dharma provém do sânscrito *dhr*, que significa sustentar, carregar: “*É a lei, aquilo que sustenta, mantém unido ou erguido*” observa Heinrich Zimmer, no seu livro “Filosofias da Índia”. O **Dharma** ajuda a explicar como aquela civilização se sustentou durante milênios e não entrou em colapso, como ocorreu com outras sociedades mais recentes. O cumprimento do *dharma* é importante para que se possa atingir a necessária civilização sustentável. Além disso, o conceito indiano de *dharma* – que enfatiza a responsabilidade e o cumprimento do que o destino reserva a cada um – tem efeitos benéficos na formação ética da população. Um governo baseado nesse conceito, a ‘dharmacracia’, seria superior à democracia, pois esta última enfatiza os direitos individuais, esquecendo-se por vezes das responsabilidades de cada um. Nesse ponto cabe lembrar Sri Aurobindo:

“Já se disse que a democracia é baseada nos direitos do homem; respondeu-se que ela deveria basear-se nos deveres do homem; mas tanto direitos como deveres são ideias européias. Dharma é a concepção indiana na qual direitos e deveres perdem o antagonismo artificial criado por uma visão do mundo que faz do egoísmo a raiz da ação, e restabelece sua profunda e eterna unidade. Dharma é a base da democracia que a Ásia deve reconhecer, porque nisso está a distinção entre a alma da Ásia e a alma da Europa.” [2]

6. Na Índia, grandes avanços para **compreender de forma integral a consciência** foram feitos por mestres tais como o Buda, pelos antigos sábios que formularam a Vedanta e codificaram o Yoga. Essa linhagem continuou no mundo moderno com gurus ou mestres como Ramana Maharshi, Vivekananda, Krishnamurti, os teosofistas, os Brahma Kumaris, Swami Dayananda e por Sri Aurobindo, entre outros. Ali encontra-se um patrimônio de reflexões sobre a consciência, abordado de uma forma abrangente e que extrapola visões limitadas de ramos dominantes da psicologia e da ciência que não admitem a existência de dons ou de níveis mais altos da consciência, por não serem mensuráveis.

7. A civilização hindu da Vedanta valorizou e cultivou estados de consciência como o meditativo e contemplativo. São crescentemente reconhecidos os efeitos benéficos da **meditação** sobre a saúde individual. A ciência e arte da meditação faz perceber e prevenir a dor, previne doenças cardiovasculares, faz resistir aos apelos das drogas. O estado meditativo altera emoções, limpa a mente dos pensamentos desnecessários, diminui ansiedade e estresse, aumenta a concentração, a criatividade, fortalece a intuição e a inspiração. Evita antecipar medos e sofrimentos, silencia a mente. Práticas de meditação conduzem o praticante a um estado de equilíbrio emocional, de harmonia interior e de relaxamento em que são diminuídas a frequência respiratória, a quantidade de oxigênio consumida pelo metabolismo e a produção de gás carbônico na expiração. Elas tonificam o corpo, corrigem desvios posturais, melhoram o convívio social. A mente influi no corpo. Uma atitude básica da meditação é o focar a atenção na respiração, pois quando se observa o movimento do ar para dentro e para fora dos pulmões, deixa-se de pensar no passado ou no futuro e a atenção orienta-se para o momento presente. Pode-se reduzir as demandas compulsivas de bens materiais por meio da meditação, da contemplação.

A qualidade dos pensamentos pode ser melhorada quando se altera o estado de consciência, de vigília normal para o estado de meditação ou contemplativo; a meditação é um caminho para se lidar com a crise ecológica e ambiental ao reduzir a incidência da shopping terapia induzida por frustrações psicológicas, pois o consumismo é um dos grandes impulsionadores da devastação ambiental.

Um dos ideais subjetivos para a vida é o da inatividade (nesse ponto há uma correspondência com o **wu-wei** – o *agir pelo não agir* chinês), da vida contemplativa, com mínima interferência sobre a natureza. Reduzir ao mínimo a utilização dos recursos naturais, de objetos de consumo, alimentos, vestuário, espaço, energia e chegar à pura contemplação e observação da vida, da natureza e das coisas são meta interior ambiciosa com repercussões externas. A meditação reduz os efeitos degradadores da ação sobre os valores morais e o ambiente. Valoriza-se estilo de vida minimalista, que preserva a natureza dos danos do consumo desenfreado. Uma postura minimalista significa um máximo de satisfação, felicidade, alegria, com mínimo de objetos. A atitude de desprendimento e a postura contemplativa desenvolvem um relacionamento com o mundo exterior sem sentimentos de posse sobre ele.

8. O **Yoga** ancestral é uma fonte de sabedoria. A palavra Yoga vem da raiz Yuj, que significa combinar, fundir, juntar. Yoga é religação, reconexão com o todo. É a ciência e a arte de ajudar o indivíduo a emergir de volta em sua totalidade não individualizada. Os antigos iogues desenvolveram a prática de exercícios respiratórios como forma de concentração. Essa tradição desenvolveu técnicas de controle da respiração e modos de inspirar e expirar a energia que mantém a vida e que está presente em toda a natureza, conhecida como *prana*. As práticas de yoga utilizam diversas posturas (*asanas*) e exercícios respiratórios (*pranayamas*) para aprimorar o uso do corpo. Para a tradição indiana, o próprio universo é criado e extinto de acordo com o ritmo da respiração do deus Brahma, que, ao expirar ou inspirar, regula os ritmos universais. Em suas várias vertentes e especialmente no yoga integral de Sri Aurobindo (“Toda a vida é yoga”) sistematizam-se conhecimentos que ampliam a auto percepção e a do ambiente e reduzem a possibilidade de sermos manipulados por agentes externos (pessoas, medicamentos, ervas, etc.) O Yoga considera cada experiência como oportunidade de aprendizagem. O Yoga adota posturas, práticas corporais e respiratórias (pranayama), ativa potencialidades latentes do corpo. **O espiritualismo da**

cultura indiana se ancora na matéria, vista como manifestação ou corporificação do espírito. Ele valoriza tanto os aspectos físicos e corporais, quanto os aspectos mentais e emocionais. Os fundamentos materiais dessa espiritualidade foram testados em milênios de história e deu-se muita atenção à consciência sobre atos elementares como respirar, movimentar-se, alimentar-se. É uma sociedade secular que aceita todas as religiões. Ali em parte se sonha e se vive na mitologia, em um universo sem limites e, em parte, há uma postura pragmática, quando pratica o espiritualismo experimental, o ver para crer. A cabeça e o espírito da sociedade estão nas nuvens: voltar os olhos para o céu é preciso porque os fenômenos climáticos, como as chuvas das monções, determinam o resultado da agricultura, básica na economia do subcontinente indiano. Mas os pés estão na terra e assentam-se na realidade material.

9. Cultura ecológica e ecodesign social - No que se refere à ecologia e ao meio ambiente, a Índia apresenta feições contraditórias. Por um lado, tendo se libertado da colonização inglesa em 1947, o país ainda não foi capaz de suprir o déficit de infra-estrutura herdado de séculos de exploração colonial: assim, há sujeira e falta de saneamento básico em toda parte. Por outro lado, é admirável a competência da sociedade indiana para suprir necessidades materiais com mínima pressão sobre o meio ambiente. Na alimentação, adotou-se o vegetarianismo, menos impactante sobre o ambiente e o clima do que outros hábitos alimentares: a quantidade de água, a quantidade de insumos agrícolas e a área de terra necessárias para alimentar vegetarianos é muito menor que as necessárias para alimentar carnívoros. Os estudos de ecologia energética revelam a superioridade dos alimentos de origem vegetal sobre os de origem animal quanto à produtividade energética. O vegetarianismo baseia-se no princípio do *ahimsa*, a não-violência estendida ao mundo animal.

As pessoas educam posturas corporais para sentar-se ao chão e não utilizar cadeiras ou móveis. O mobiliário caseiro é, portanto, reduzido. Também não são necessários objetos como talheres, pratos e outros utensílios, pois o uso do corpo supre as necessidades. A mão direita, por exemplo, é usada para levar os alimentos à boca, dispensando talheres; enquanto a mão esquerda é usada na higiene pessoal. Esses hábitos, seguidos por milhões de pessoas, reduzem significativamente o consumo de recursos naturais. Em relação ao vestuário, predominam para as mulheres, os modelos clássicos de sáris, confortáveis, que não se submetem às variações da moda e para os homens, o dothi, um retângulo de tecido enrolado no corpo. A inexistência de modelagem sofisticada e complexa maximiza o aproveitamento dos tecidos, e o vestuário é em geral bastante adequado ao clima tropical. O uso de calçados apropriados e igualmente confortáveis e de material durável, somado à tradição de andar descalço dentro dos ambientes domésticos também reduz bastante o uso da energia elétrica e de materiais de limpeza intensivos em energia, além de facilitar o trabalho humano diário. Esses são alguns exemplos de como a forma de vida individual e na família contribui para evitar a sobreutilização dos recursos naturais.

A economia de meios para desempenhar as atividades diárias, em casa ou no trabalho, a economia de mobiliário, objetos e implementos, os hábitos alimentares vegetarianos, o uso intensivo do corpo e o modo de relacionamento com os animais, tudo isso revela uma cultura que faz mais com menos, respeita o meio ambiente e evita desperdiçar recursos naturais. Essas qualidades talvez sejam mais evidentes em uma aldeia indiana do que em qualquer outro tipo de assentamentos humanos, pois elas se abastecem em grande parte nas proximidades com água, energia, alimentos, materiais de construção etc.

10. Pegada ecológica - Um dos principais indicadores para aferir o quanto uma pessoa, um país ou uma sociedade é sustentável é a pegada ecológica, que mostra quantos hectares de terra produtiva per capita são necessários para sustentar o estilo de vida de um indivíduo, de uma cidade ou de um país. Um alemão médio necessita de 4,8 hectares; um brasileiro, de 2,2 ha; na China 1,6 ha; nos Estados Unidos 9,6 ha; na **Índia 0,7 ha.**; no Japão 4,3 ha. A média mundial é de 2,3 hectares. A maior pegada ecológica é do cidadão norte-americano. Se toda a população do planeta adotasse estilo de vida similar ao norte-americano, seriam necessários quatro planetas Terra. Comparada com outros países, a Índia tem uma pegada ecológica quatorze vezes mais leve do que a norte-americana e três vezes mais leve do que a média mundial.

Seria equivocado associar a pegada ecológica leve de um indiano com a miséria e o baixo consumo de bens materiais. A hipótese mais adequada para esse fato é a de que isso resulta das formas de organização social e familiar e de arquitetura funcional; de assentamentos humanos descentralizados e que se abastecem de alimentos, águas, energia e materiais nas proximidades, sem necessidade de grandes deslocamentos; da proximidade casa-trabalho, da mobilidade a pé, movida a energia humana ou animal; do transporte ferroviário; da alimentação vegetariana e do consumo de alimentos produzidos localmente; dos hábitos frugais de consumo e conseqüente baixa geração *per capita* de resíduos. Em resumo, resulta do *ecodesign* da sociedade, que reduz ao mínimo o uso dos recursos naturais, de objetos de consumo, alimentos, vestuário, espaço e energia. Tais comportamentos derivam de valores e ideias não utilitaristas - tais como a sacralização de bichos e plantas - e de consciência ecológica que se aprende culturalmente desde o berço e torna-se parte dos costumes e usos sociais, reduzindo a necessidade de que essa aprendizagem seja feita por meio da educação formal escolar. Hábitos de vida frugais, associados a um design social inteligente, seguidos por milhões de pessoas na Índia, reduzem significativamente o consumo de recursos naturais e compõem a combinação de motivos que ajuda a explicar a sua reduzida pegada ecológica (0,7ha/hab) e a torna portadora de tesouros culturais valiosos para a sustentabilidade. Apenas uma pequena parte da pegada ecológica é devida a necessidades físicas do corpo. O maior peso de uma pegada ecológica deve-se a demandas geradas no campo da mente e das emoções, ou ao fato da organização espacial onde vivem as pessoas ser pouco funcional. Valores pós-materialistas ou neo-espiritualistas induzem atitudes de consumo material sustentável que ajudam a manter a saúde ambiental.

Se imaginarmos a possibilidade de que o planeta venha a ser socialmente mais justo, a Índia dispõe de uma margem de crescimento razoável de sua pegada ecológica, que lhe permitirá investir em infra-estrutura e sanar problemas de saneamento sem pressionar significativamente os recursos do Planeta. Diferentemente de nações que precisaram colonizar outros territórios para se apropriarem de recursos para atender a suas demandas, a Índia nunca precisou expandir-se e dominar outros povos. Uma pegada ecológica leve é uma qualidade valiosa em um mundo com recursos limitados e população crescente, no qual é cada vez mais necessário conservar energia, reduzir a emissão de gases de efeito estufa e descarbonizar a economia e ao mesmo tempo viver em paz e de forma não violenta.

Conclusões.

Cinco séculos após o impulso dado à globalização pelas grandes viagens de descobrimento, é necessário retomar o caminho das Índias e promover o encontro entre Brasil e Índia.

As tecnologias modernas de comunicação e transporte, a telefonia, internet, correio eletrônico, facilitam a retomada do caminho das Índias empreendido no início do século XX por fazendeiros de Uberaba e mais tarde, ainda naquele século, por comerciantes, artistas e místicos.

São imprescindíveis medidas sistemáticas para que Brasil e Índia passem a se considerar aliados e comecem a colaborar efetivamente entre si. É preciso que, no âmbito internacional, as Nações Unidas e suas agências dediquem efetiva atenção e recursos para facilitar a cooperação sul-sul e que, no âmbito nacional, os governos do Brasil e da Índia priorizem as relações entre os dois países.

Há várias formas possíveis de intercâmbio entre Índia e Brasil: o intercâmbio humano, o intercâmbio de informação e a troca de bens e de mercadorias. Nos últimos anos a cooperação Índia-Brasil tem-se intensificado no âmbito dos países emergentes, denominados BRICS- Brasil, Rússia, Índia e China, bem como no âmbito do IBAS- Índia, Brasil, África do Sul - bloco de países do sul localizados em três continentes distintos.

O intercâmbio humano pode ser incrementado por meio de bolsas de estudo para estudantes, professores e consultores com a vantagem de não envolver transporte ou infra-estrutura especiais, somente recursos humanos. Estimular estudos sobre a Índia contemporânea em universidades brasileiras e sobre o Brasil em universidades indianas ou estudar comparativamente Índia e Brasil também seriam estratégias desejáveis para promover a cooperação.

Para o intercâmbio de informações, é relevante a criação de programas de cooperação cultural, técnica e científica.

As embaixadas, caso bem equipadas, podem apoiar o processo: coletar e divulgar informação sobre o outro país; promover traduções, publicações, feiras culturais, intercâmbio de missões técnicas, de filmes, de jornalistas e comunicadores.

A imprensa tem papel relevante na transmissão de informações para a população. Deveria ser intensificada a veiculação de programas sobre aspectos ainda pouco conhecidos dos dois países. Maior presença da Índia na comunicação de massa brasileira (e vice-versa) ajudaria a criar pré-condições para cooperação permanente e duradoura.

O incremento de relações de comércio demanda explorar complementaridades econômicas, conhecimento detalhado dos fornecedores desses bens, comparação de custos com outras alternativas e facilidades de créditos. É necessário desburocratizar os procedimentos para iniciativas do setor privado e de entidades não-governamentais que visem ao intercâmbio e à cooperação indo-brasileiras. É importante o estímulo governamental à criação de laços e de *joint ventures* entre empresas indianas e brasileiras.

Há numerosas áreas ainda não exploradas. Se aos governos cabe importante papel na intensificação do intercâmbio, também são fundamentais as iniciativas empresariais e de organizações da sociedade civil, bem como de indivíduos, que acelerem esse processo e possam aproveitar melhor os benefícios do incremento dessa cooperação.

NOTAS:

[1] Ver HUNTINGTON, Samuel. “O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial”, p. 310.

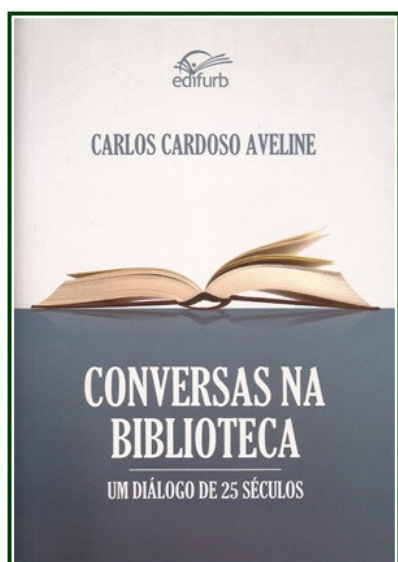
[2] Sri Aurobindo, “Complete Works”, vol.1, p.759.

000

Maurício Andrés Ribeiro é autor do livro “**Tesouros da Índia**” (2003). O texto acima constitui uma versão atualizada - feita em dezembro de 2011 - de partes da obra.

000

Para conhecer um diálogo documentado com a sabedoria de grandes pensadores dos últimos 2500 anos, leia o livro “**Conversas na Biblioteca**”, de Carlos Cardoso Aveline.



Com 28 capítulos e 170 páginas, a obra foi publicada em 2007 pela editora da Universidade de Blumenau, Edifurb.

000